

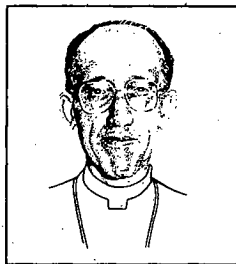
Direitos de Deus, direitos humanos

Confesso sem constrangimento, antes, candidamente, quanto me senti impressionado (talvez deva dizer chocado) com o acúmulo de notícias na mídia, na semana que passou, em torno de certo tema.

A primeira, transmitida de Bruxelas pela UPI, relata o patético sepultamento de Melissa Russo e Julie Lejeune. Mais de 10 mil pessoas caminharam em pranto pelas ruas de Liège. Em pranto discursou o

primeiro-ministro belga. Um país inteiro levava ao cemitério, em seus caixões brancos, os corpos das duas meninas de 8 anos sequestradas por um maniaco estuprador de 39 anos, libertado da prisão, pouco antes de assassinar, por seu “bom comportamento”, segundo a justificativa tragicamente irônica das autoridades carcerárias.

Outra informação vinda da Noruega faz saber que vários detentores do Prêmio Nobel em diferentes campos — científico, literário, político, da paz, etc. — se uniram em torno de um problema que aflige o país, a região e muitas outras partes do mundo. A alarmante aberração contra a qual protestam aqueles luminares — só para isso reunidos em Oslo e que pedem solução pela imprensa internacional — é a já ativa e sempre mais difusa *organização* da prostituição infantil e de adolescentes. Sublinho *organização* porque, nesta altura, a empreitada nefanda — que não hesito



Não se sabe até onde irá a depravação das coisas mais sagradas na sociedade

em qualificar como *crime hediondo* para os efeitos da lei — não é mais coisa de bisonhos diletantes. É verdadeira empresa altamente sofisticada, com sua teia de cumplicidade em vários escalões e de dimensão internacional. Centenas, se não milhares, de meninos e meninas são diariamente vítimas de aliciamento e seqüestro para servir de pasto aos baixos instintos e perversões de adultos psicologicamente desequilibrados

e socialmente desajustados.

Do mundo escandinavo vem também a notícia de mulheres ricas que vão “adotar” na Ásia (na Indonésia?) adolescentes para serem usados como homens-objeto. É fácil adivinhar com que intuitos. Salta aos olhos também que, à parte a busca do exotismo, prevalece no episódio uma inesperada modalidade de dominação cultural: não seria exagerado falar de uma espécie de pornocolonialismo, como se fala de pornoturismo.

Na imprensa, como no grupo de intelectuais em recente congresso em Estocolmo e em círculos ligados às igrejas, os fatos suscitam perplexidade, indignação e desassossego. A perplexidade toma conta de quem acredita na apregoada superioridade do pós-moderno e descobre que o progresso técnico-científico é compatível com um evidente retorno à barbárie. A indignação é a de quem imaginava que a degradação moral teria uns tantos

limites e pouparia a saúde moral das crianças e dos adolescentes. A inquietude nasce da constatação de que não se sabe até onde irá a depravação das coisas mais sagradas na pessoa humana e na sociedade, aquelas que dizem respeito ao amor, às fontes de vida e à comunhão interpessoal baseada no amor.

Tentando encontrar as raízes dos episódios citados no início, difundidos via Internet e outros meios por todo o planeta, estou convencido de que a raiz mais funda está no desrespeito à Lei de Deus, oculta e ao mesmo tempo manifesta na lei natural inscrita na consciência de cada pessoa. Faz parte dos *direitos de Deus*: além do direito à submissão, à adoração e à ação de graças dos fiéis, há também o direito fundamental a ver obedecidos e seguidos os seus mandamentos. Os atos execráveis noticiados e comentados pela mídia são expressão, antes de tudo, de infrações e transgressões à santíssima Lei de Deus. São, portanto, resultado do desprezo e da desobediência aos preceitos e normas emanados do mesmo Deus. São fruto e “salário” do pecado, para empregar uma expressão candente do apóstolo Paulo.

Tal é, porém, o vínculo de dependência entre a criatura humana e seu Criador que toda e qualquer ofensa a Deus redunde em “vulnus” (ferida) infligida ao próprio homem, à pessoa humana. Toda a antropologia filosófica séria e bem fundamentada — independente da antropologia propriamente teológica — é capaz de sustentar que, quando o homem, embriagado de liberdade, independência, emancipação ou autonomia, decreta e pro-

clama a “morte de Deus”, há muito que esse mesmo homem está morto. Por isso, tal forma de ateísmo contemporâneo é absurda, pois tem início numa forma de suicídio do homem. Este corta as próprias veias e se condena à inanição cada vez que se corta de Deus.

Quais são, portanto, as raízes daqueles deprimentes fatos de uma crônica, infelizmente, cotidiana na mídia do mundo inteiro? Ao lado da transgressão à Lei de Deus, transcendente e, por si mesma, superior a toda transgressão, uma outra raiz é a da transgressão às leis que tutelam e garantem a eminente dignidade da pessoa humana.

Os episódios citados, além de serem anti-Deus, são basicamente anti-homem. Correspondem às inclinações ou tendências desumanizantes (não sei se traduzo bem aquilo que Julien Benda chamou *les pentes inhumaines*) dramaticamente presentes no ser humano. São a melancólica contraprova de que, em dezenas de milhares de anos de, assim chamada, civilização, e em dois milênios cristãos, a humanidade ainda é regida, no plano da mentalidade, dos costumes e até da legislação, por princípios desumanizantes. É de desolador observar que as chamadas revoluções (a cultural, a sexual, a feminista e outras) acabam por acentuar a escravidão da pessoa humana. A Igreja, que Paulo VI chamou “perita em humanidade”, se preocupa com isso. Ela deseja dar sua contribuição para uma redenção do homem. Para um novo humanismo.

■ Dom Lucas Moreira Neves, O.P., cardeal arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, é presidente da CNBB